

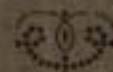
PROF. DR. A. VEIGA DOS SANTOS

JERONYMO R. MATTOB

TERESA M. MALATIAN ROY

COMPREENSÃO DE FARIAS BRITO

POR FERNANDO DE OLIVEIRA COSTA ^{nota}



*Os camaradas
Jerônimo
afetuosa lembrança
do Vey.
1956*

TERESA M. MALATIAN ROY

"COMPREENSÃO DE FARIAS BRITO"

por Fernando de Oliveira Costa

PROF. DR. A. VEIGA DOS SANTOS

Professor Contratado na Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras de
São Bento.

"Quando li o seu último livro, *O mundo interior*, dizia Jácson de Figueiredo em *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, em 1916, senti também, não compreendi somente a grandeza singular da sua obra, em um país novo, aonde a intelectualidade vai-se fazendo, infelizmente, apressada e comercial"... "Farias Brito está no pensamento contemporâneo entre os que reagem contra a grosseria materialista que, influndo tão gravemente nos sentimentos da nossa época, nos deu toda esta barbaria civilizada que se levantou, armada e sem coração, sobre os ideais ingênuos dos guilhotinadores. Ontem era o combate em nome da Razão como força; hoje se quer impor a Força como razão".

Desferida essa primeira clarinada acêrca do filósofo desconhecido, reles mestiço do Norte sem nenhuma empáfia ou presunção de "cartaz", entrou de aparecer uma série de estudos a respeito da sua escandalosa filosofia que vinha derrubar os mitos idolatrados chamados evolucionismo, positivismo (êste quase com auréola de religião do Estado republicano) e outros filosofismos do desespero.

—//—

Publicava Xavier Marques o seu "Dois filósofos brasileiros" (Farias Brito e Jácson), no mesmo ano de 16. No ano seguinte, Roberto Páterson dava à estampa em *La Nación* o opúsculo *Dois filósofos brasileiros*.

No primeiro, se dizia: "O bom combate de Farias Brito houve de começar pela defesa da própria filosofia, — digamos a palavra, que era até ridículo pronunciar: da metafísica. Sabe-

-se com que soberano desprezo tratavam os nossos leitores de Buchner a essas gentes "singulares", os metafísicos..."

Em Páterson, temos apenas um éco entusiasta do ensaio de X.M.

Já o estudo aparecido no ano de 1918 (**Farias Brito e a reacção espiritualista**, de Almeida Magalhães) se coloca entre os trabalhos de mais fôlego aparecidos sobre o pensador brasileiro. "Digam o que disserem os ânimos despeitados, escrevia A.M., mas um grande acontecimento há-de ser registrado — o do renascimento da filosofia espiritualista. A essa renovação felizmente não está alheio o Brasil, o país a que caberá, pelo contrário, um lugar preeminente na reacção porque, para glória nossa, o nome de Farias Brito, um dos mais robustos espíritos contemporâneos, é património nacional que muito devemos prezar e venerar. Ao Brasil será dado, pela primeira vez, representar um papel importante nas lutas do pensamento humano".

Também na **História da Filosofia**, estendia-se o P. Leonel Franca num sólido capítulo expositivo e crítico da obra de Farias Brito.

—//—

Hoje, passados quase trinta anos, já se não podem indicar por miúdo as numerosas obras e estudinhos esparsos referentes ao filósofo.

Temos p. ex. aqui à mão o trabalho de exposição e crítica, realizado com grande felicidade pelo sr. Fernando de Oliveira Mota: **Compreensão de Farias Brito**, vol. I. Edição "Caderno Académico", Recife, 1943.

Preambula-o uma introdução *ad rem*, onde se acentua a eterna discórdia do especulativo com o prático, desde que o homem é homem... e sempre o foi.

"Infelizmente, diz o A., jamais desaparecerá essa atitude. Onde quer que o homem de inteligência procure apegar-se às suas idéias, onde quer que o poeta viva os próprios sentimentos na empatia dos sentimentos alheios, onde quer que o artista pinte ou lavre, cinzele ou torneie, será cada um incompreendido na sua vocação, pela maioria dos homens. E a inteligência torna-se, porisso mesmo, um motivo inafastável de tristeza".

Mas, é porventura a filosofia algo de estranho à actividade dos pragmáticos que a desprezam em nome dos interesses materiais?

Não. "De resto, diz o A., esta incompreensão é ainda mais flagrante quando vemos que os "homens práticos" mourejam na ignorância de que o seu mundo não existiria, se não existisse o mundo do ideal. Não entendem que o meio sobre que actuam,

onde disputam a primazia do êxito e se acotovelam nas competições, fugindo, por vèzes, aos próprios sentimentos de humanidade, ruiam, por encanto, se o não arejasse ainda o sopro de UM ideal. Esquecem, então, que cabe à Filosofia — como termo de uma série de valores espirituais — acelerar o ritmo das revoluções, gerar os acontecimentos históricos, alterar a face da terra e preparar, até, o advento dos regimes económicos onde elles campeiam.

"Esta função totalizadora da filosofia resulta de que ser filósofo é uma condição do próprio homem". Assim, "a actividade menos ideal do homem implica, necessariamente, uma soma de valores ideais, um conjunto de princípios, enfim, uma **filosofia**".

Conquanto, porém, vivamos todos em função de uma filosofia, quer sejamos práticos, quer especulativos, "enquanto os demais homens servem às contingências da ordem existencial, o filósofo serve a uma condição necessária dessa mesma existência e, portanto, a uma condição de Vida". E a filosofia é uma **vocação**.

Em Farias Brito, a filosofia se manifesta como a mais absorvente vocação. Infenso a acomodações ao ambiente sub-filosófico do seu tempo materialista e anti-metafísico, "...Reagiu. Aceitou, de preferência, as conclusões que lhe advinham do próprio labor intelectual e fez de sua vida um apostolado, cuja orientação lembra, sem as vastas repercussões, o apostolado de Sócrates. Bateu-se pela dignidade do espírito, pelos fundamentos metafísicos da ordem moral, pela liberdade dos homens e pela justiça na sociedade. Abrangeu, numa visão total, a consideração dos principais problemas do seu tempo, analisando-os com argúcia e fazendo-os passar pelo crivo das soluções que lhe pareciam justas e certas. E foi dessa atitude que nasceu para o Brasil a possibilidade de uma renovação espiritual".

—//—

Com estas transcrições, pensará quiçá o leitor que o sr. F.O.M. seja mero panegirista do nosso Filósofo. Responda o próprio A.: "Não estou a dizer, porém, que a sua doutrina seja escoimada de erros ou encerre uma concepção exacta da filosofia espiritualista. E' assunto que salientarei no decurso deste ensaio". Com efeito, "o meu trabalho será não apenas de **exposição** e de **crítica**, mas de **valorização**". E realmente o conseguiu magnificamente, demonstrando o A. no espaço denso das suas 141 páginas notável formação filosófica, dom crítico e analítico e capacidade de retirar do **tumulto** das obras do Filósofo o **quantum satis** para afirmar a estatura mental do pensador do Ceará.

Assim, na parte I, **Um olhar sobre o mundo**, aprendemos como "embora partindo do problema da dor, não foi ele (F.B.) um **"pessimista de intenção"**, verdade essa que se compreende na obra do Filósofo. Apresenta-nos o F.B. mais **dogmático** que **crítico** no combate às teorias evolucionistas e positivistas e à psicologia psico-física. Mostra-nos como o preconceito naturalista impede que tão grande espírito consiga alguma luz sobre o problema da religião, restando-lhe, "todavia, viva inquietação interior, perspectiva angustiosa de Eternidade, que fez d'ele uma alma privilegiada, instrumento nas mãos de Deus para a obra da recristianização intelectual do Brasil.

Está feliz e actualíssima a síntese do capítulo "A desordem social", em que, declaradas as três causas do abatimento moral da sociedade moderna segundo F.B., isto é — a ignorância do nosso destino moral; a consequência necessária, fatal da impiedade moderna; o resultado prático da vitória do materialismo, — se expõe a crítica fariasbritana das três pretensas **soluções** para a desordem política: ditadura científica de Comte, individualismo orgânico de Spencer, socialismo colectivista de Marx. Julga-as todas incapazes. Marx está certo na crítica, na parte negativa; positivamente, erra, pois o interesse material, puramente económico, gera a política da força, da exploração do fraco pelo forte. Ouçamos o próprio A.: "Anti-capitalista, anti-marxista, contrário a qualquer forma de opressão política, há em Farias Brito um espírito altamente cristão e é este espírito que nos mostra as razões da desordem social. Porisso, estabelece ele que "a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia", idéia ou princípio que devemos buscar na filosofia (sic)". Por onde se vê ter razão o A. nestas palavras: "A visão que teve (F.B.) dos problemas sociais — dos seus fundamentos e das suas soluções filosóficas — bastaria a assegurar-lhe um lugar na história do pensamento moderno".

—//—

Na parte segunda, **à procura de um novo dogmatismo**, estuda o A. as grandes questões propriamente metafísicas, revelando-se mais a sua competência na árdua tarefa, pois melhor se aproveita da oportunidade de ressaltar os momentos de luz e sombra na produção vasta de F.B.. Mostrando como o Filósofo assenta a utilidade e autonomia dos estudos filosóficos (A filosofia — actividade permanente do espírito humano), distingue-a em pre-científica, formadora das ciências; e supercientífica, criadora da metafísica (teoria) e moral (prática). Na ontologia de F.B. "o ser é o espírito, pois só o espírito assegura "durabilidade" às coisas; tudo mais são fenómenos. Mas, como o espírito subsiste

em todos os seres, não é pelo idealismo absoluto que devemos concluir e sim pelo **panpsiquismo**", erro em que cai o Filósofo pela indistinção entre essência e existência, reconhece-o o A., e o leva ao seu **panteísmo emanantista**, identificando matéria e espírito, corpo e alma.

Apesar do monumental serviço prestado à destruição dos néscios preconceitos positivistas, evolucionistas e de todas as **filosofias do desespero**, teve de falhar na concepção de Deus e "de tudo quanto ele insiste em reafirmar no tríptico da **Finalidade do mundo**, só uma coisa merece respeito: a procura de Deus, a angustiosa procura do Infinito, que inspirava, ainda aqui, o filósofo brasileiro". Concluir, em verdade, que **Deus é a luz** não analogicamente como rezam a Escritura e a Igreja (Lumen de Lumine), senão real e fisicamente, constitui lamentável desastre filosófico (*). Não é de balde que a Revelação se aponta como psicologicamente auxiliadora da Filosofia, sem tirar a liberdade da razão humana, iluminando-a porém. Não consegue outrossim o eminente pensador estabelecer para a moral a base sólida metafísica de que necessita, visto como constrói "ũa metafísica naturalista, que exclui de qualquer cogitação a ordem sobrenatural. E' por outro lado, ũa metafísica que estabelece o primado do conhecimento e faz do conhecimento a finalidade do mundo... Excluindo o sobrenatural, a ética de Farias Brito se ressent, nas próprias fontes, de um fundamento sólido".

Padecemos, entretanto, a tentação de interrogar o A. neste sentido: Não poderíamos acaso suprir as falhas de Farias Brito na lógica do seu raciocínio sobre Deus levando em conta o que diz o A. desde a pág. 123 em diante sobre a divindade etc.? Não teríamos então, com boa-vontade, uma sistemática mais perfeita independentemente da forma explícita do Filósofo?

—//—

Valorizando estas pálidas notas, recopiamos aqui as como teses apresentadas por Farias Brito e descobertas no seu largo acervo pelo A.:

a) A crise moral dos nossos tempos procede de uma crise filosófica, agravada pelo triunfo do materialismo. — b) Compete, assim, à filosofia restabelecer o equilíbrio do espírito, afirmando, outra vez, os três problemas fundamentais: **como, por que e para que existe o mundo**. — c) Conclui-se daí a utilidade da filosofia, que é a própria actividade permanente do espírito em busca da Verdade. Pode ser ela pre-científica e supercientífica. Possui, ainda, uma função teórica e prática: cria a ciência e metafísica; estabelece as leis da conduta, da religião, da arte, do direito e da política. — d) O fundamento do conhecimento das coisas tem de radicar-se no conhecimento do próprio eu. Desta prevalência do método introspectivo decorre: 1.º além da psicologia objectiva deve existir uma psicologia introspectiva; 2.º a psicologia

introspectiva é, então, a própria metafísica. — e) Se abstrairmos o eu, veremos, em confirmação do ponto anterior, que as coisas perderão a sua razão de ser. Ora, abstrair o eu, significa abstrair o espírito. Logo, o espírito é o número dos seres. Tudo mais são fenómenos; a matéria, p. ex. é um simples conceito, um **genus generalissimum**, devido, como os demais universais, à insuficiência do intelecto humano. — f) Por sua vez o espírito é uma idéia de Deus. Todas as coisas, portanto, emanam da Divindade e a Divindade é a **forma essendi** do Universo. — g) No ser, existir e conhecer se identificam. Donde a resolução do problema da finalidade pelo conhecimento, sendo a **contemplação pura** o termo de todo o sofrimento e de toda dor. — h) Na ordem prática, e para atingir ao seu fim, o homem deve proceder segundo as noções pessoais que tenha do Bem e do Mal.

—//—

Pela penúltima tese (g), vê-se que F.B., nas pegadas de Aristóteles, põe a finalidade do mundo no conhecimento, na inteligência. Leiamos o A.: — "Conhecer — eis a nossa finalidade. Conhecer, porém, é tendência à plenitude, como sentimos das palavras do nosso filósofo. E só Deus representa a plenitude do ser. Não erraria, então, quem concluísse da doutrina de F.B. que a nossa finalidade, que a finalidade do Universo, é o próprio Deus... E, ainda mais pressinto que F.B. antevê a visão beatífica de que nos fala a Igreja... Não há negar, também, que, em um mundo donde fôra banida a idéia da Divindade, em um mundo todo êle voltado para o empirismo, o filósofo brasileiro eleva-se a uma noção e exacta da finalidade do Universo. E mais ainda: penetra no ideal contemplativo dos santos, anunciando aos espíritos a visão beatífica que os espera na Eternidade, como último e definitivo refúgio das atribulações terrenas, como última e definitiva solução ao problema da dor".

Disso tudo, pois, importa concluir que realmente é F.B. um filósofo. Filósofo que se preocupou mormente com a vida, com os destinos humanos, e nisto vai a sua originalidade. Não consegue a sua filosofia da vida, ainda tisonada pelo mal racionalista da época, satisfazer os anseios humanos; pois, se "todos os problemas centrais da filosofia estão seguramente **propostos** em seus livros, entretanto não estão solucionados". Não poderá ser **mestre** dos brasileiros, "mas será, para todos nós, um exemplo vivo e palpante", como o foi para Jácson de Figueiredo que, por intermédio das idéias dêle, voltou à Fé, e para outros.

"E não me ocorre outra conclusão, ao findar êste ensaio: o Brasil não criou um mito, nem anda à cata de um filósofo. Farias Brito é, realmente, um filósofo brasileiro".

Terminado êste passeio a vôo de pássaro sôbre a "Compreensão de Farias Brito", arreceio-me de reler o que escrevi. Dou-me, contudo, os parabéns de haver lido e louvo o A. pela propriedade dos comentários e rectidão da sua doutrina filosófica

apanhada de relance ao sabor da leitura. Produziu um ensaio bom e, além disso, útil. Farias Brito foi "censurado", mas não foi diminuído no seu esforço e na glória dêle (*).

45
(*) Escrevemos estas notas em 1964, se não nos falece a memória. Outros muitos estudos podem ter surgido no intervalo daquele para êste ano. Conhecemos um: "As doutrinas políticas de Farias Brito", de Francisco Elias de Tejada, catedrático da Universidade de Salamanca, ora transferido para a de Sevilha. Coube-nos a honra de traduzi-lo em português (Edições Leia, rua 7 de Abril, 16, São Paulo, 1952). Para não ser longo, extracto o que adiante segue das págs. 86-87 com referência ao pormenor interessante a esta altura: — "Permito-me insistir em minha tese de que tais opiniões são transição do materialismo ao cristianismo. Foi homem que tão de perto o tratara como Jácson de Figueiredo quem recalçou a sua aproximação à Igreja em dias posteriores, cabalmente com referências aos extremos de que ora me ocupo. Acresce, porém, que as notas marginais e as correcções que do seu punho e letra fizera Farias Brito pouco antes de morrer no preciosíssimo exemplar do volume I da **Finalidade do mundo** que possui o ilustre professor da Universidade Católica de São Paulo, Leonardo Van Aoker, acusa çomo então, em forma que infelizmente perdura inédita, Farias Brito abandonava o monismo de raizame spinozista para entrar no dualismo do Creador e a creatura. // Por sua mão estão riscadas aquelas asseverações que vinte anos atrás tanto apreciara em Spinoza e pelas quais repugnou admitir a existência dos anjos, ou seja de entes a modo de fluidos intermediários entre a matéria e o espírito. De sua mão elimina aquela série de noções em tôrno da chamada religião naturalista inclusive o principio divino da luz, deixando apenas subsistente a idéia de que a natureza é espejo de Deus, noção em que muito bem pode excluir-se todo ressaibo panteísta. Chega ao extremo de aproveitar textos de São Paulo em apóio da sua tendência evolutiva, de tal maneira que, sem aceitar ainda plenamente o cristianismo, o vemos aproximar-se em marchas forçadas como a termo inevitável dos lares ideológicos de Cristo. Eis aqui as suas palavras, escritas à margem do precioso exemplar do professor Van Aoker: "E se é permitido distinguir a ordem do mundo e a de Deus, deve-se em todo o caso reconhecer que uma cousa reflecte a outra. E' certo, entretanto, que Deus encerra o mundo. E' o que se faz bem claro na conhecida fórmula de Paulo: **In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus**. E tal é no pensamento do apóstolo a mais alta verdade". // Palpitam aí os impulsos de aproximação ao cristianismo e, comparando ambos os textos, o impresso em 1895 e o corrigido em 1915, se assiste à linha segura de um caminhar à primeira vista zigzagante e inseguro. Os obstáculos procederam do desconhecimento da filosofia patrística e escolástica, conforme viu certamente Sílvia Rabelo e anotou já o padre Leonel Franca".